

Quando **comungamos** **NOSSOS** corpos num
abraço quente Gostaria que eu não tivesse fim. *Eu*
sinto seu cheiro *ardendo* em mim E o gosto da
erva na saliva **morna** quando me **BEIJA**
Sinto o céu da sua boca em minha *nuca* Suas mãos
percorrendo minhas retas, *curvas*, voltas
Pressionando meus *quadris*, seio, **alma**. A respira
ção lenta e **rápida**, leve e pesada, úmida e quente
Entre a *calmaria* e o **frenesi**. Quero entrar
pelos seus poros, saciar-me no teu **peito**, atingi
o seu delírio.

2.

Continuando com os grandes nomes, a publicitária Nayara Tognere colaborou com a Graciano desse mês cedendo uma matéria especial sobre o documentário que está produzindo, junto de Stéfano Fabris, sobre o músico Sérgio Sampaio. No Dossier, a seleção de textos da revista, feita mais uma vez por Erly Vieira Jr, ilustra o tema “sátira” com a hilária Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso, de Mendes Fradique. A publicação é antiga, de 1928, mas ainda soa atual e inspira gargalhadas nos leitores. Já a Valise dessa edição de férias você já sabe como é: textos dos cronópios para degustação. Nem todos tão engraçadinhos como evoca o tema “férias”, mas como nem só de risadinhas vem a diversão, fica a gosto dos fregueses qual sabor levar para casa.

Os editores

Mais uma edição da Graciano e mais uma oportunidade para você saborear textos de jovens escritores e entrevistas com os antigos. Antigos, velhos não - porque nos velhos de espírito não se vê o apetite que os nossos entrevistados têm. Dois professores: um filósofo, um letrado; ambos amantes da literatura. Um escreve prosa, o outro prefere os versos. Os dois, contudo, escrevem sobre a carne: um aliado à insanidade, o outro com lembranças e imagens. Na sessão XXI desse mês, com os escritores Alessandro Darós e Paulo Roberto Sodrê, você encontrará resenhas sobre as obras, comentários dos autores e curiosidades. A Graciano nº 2 traz também a segunda edição do Chá das Sete, com mais um nome que agita o cenário cultural capixaba: a banda Sol na Garganta do Futuro. Liderado pelo poeta Fabrício Noronha, o grupo une música e poesia, construindo uma apresentação experimental e de alta qualidade. O Sol foi bombardeado com as perguntas dos cronópios e deixou o Chá das Sete – dessa vez com chá e biscoitos! – sob fortes aplausos.

literatura brasileira feita no
espírito *santo*

GRACIANO

Literatura Brasileira feita no Espírito Santo.

Julho de 2010. Nº2, Ano 1.

EQUIPE EDITORIAL

Any Cometti. Brunella Brunello. Daniel Vilela. Fernanda Barata. Isabella Mariano. Kauê Scarim. Leandro Reis. Lívia Corbellari. Mainá Loureiro. Sidney Spacini.

ORIENTAÇÃO

Erlly Vieira Jr (Depcom-Ufes).

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

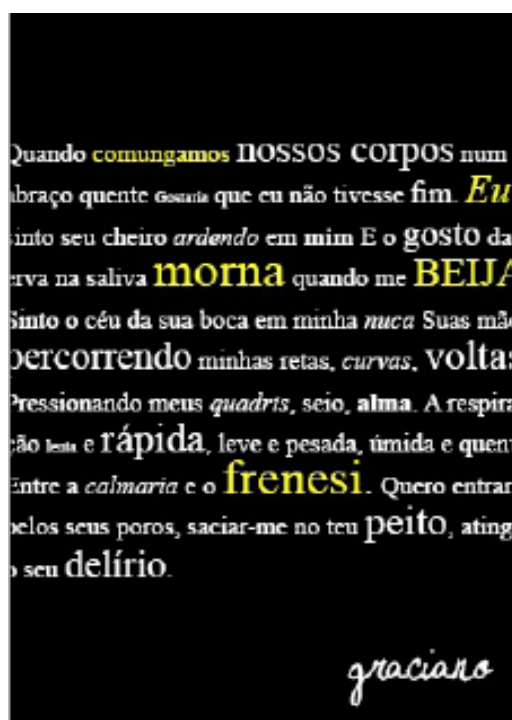
Lívia Corbellari, Mainá Loureiro e Sidney Spacini.

ILUSTRAÇÕES

Fernanda Barata

REVISÃO

Any Cometti, Fernanda Barata e Leandro Reis.



Capa: *Poesia Corpórea*, de Sol na Garganta do Futuro.

graciano

07 **XXI**

14 **Chá das Sete**

26 **Valise**

43 **Dossier**

52 **Biblioteca Básica**

Ano I, nºII

“

Os analfabetos do século XXI não serão as pessoas incapazes de aprender a ler e escrever, mas sim as pessoas incapazes de aprender, desaprender e aprender novamente.

”

ALVIN TOFFLER

futurista



vinte e um

literatura deste início de século

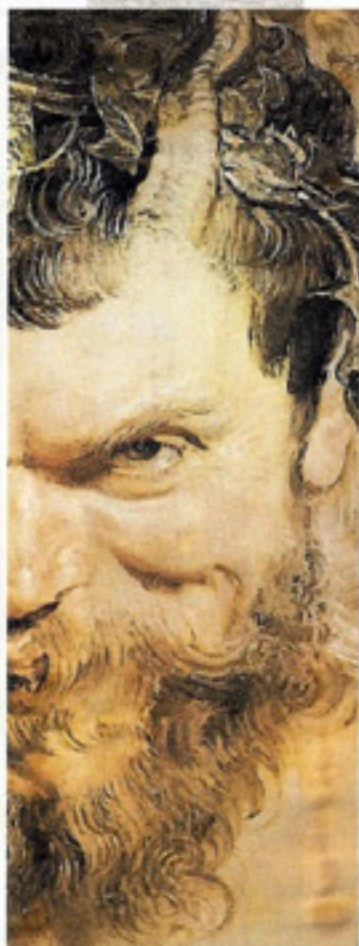
LEANDRO REIS

SQIZO

“A literatura para mim é ligada ao puro deleite. É talvez o único lugar em que posso ser totalmente criativo sem medo do que vão achar os outros. É meu quinhão de liberdade.”

ALESSANDRO DARÓS

Alessandro Darós



SQIZO
OU
AS PATAS DO VELHO SATIRO

NOME COMPLETO: ALESSANDRO DARÓS VIEIRA

IDADE: 38

CIDADE DE NASCIMENTO: RESPLENDOR - MG

PROFISSÃO: LICENCIADO EM FILOSOFIA

HOBBY: LER E ESCREVER

AUTORES PREFERIDOS: RADUAN NASSAR, NELSON RODRIGUES, MACHADO DE ASSIS, WOLFGANG ISER, WALTER BENJAMIN E OUTROS TANTOS MAIS, CADA UM COM SUAS CARACTERÍSTICAS MUITO ESPECIAIS.

Nada melhor do que um autêntico pensador para nos propor uma leitura reflexiva e cheia de lacunas. Filósofo, quase três décadas de histórias para contar, Alessandro Darós conta as suas do seu modo: economiza sílabas e cultua as esquisitices da língua.

Nessa entrevista à Graciano, o autor mineiro de alma capixaba fala sobre suas influências literárias, o desenvolvimento de seu peculiar modo de escrita e sua busca por leitores perspicazes. E claro, conta tudo sobre Sqizo, sua última obra publicada.

1 - Uma coisa que nós, escritores em formação, sempre temos curiosidade é sobre o processo criativo de um escritor. Como se dá o seu? Já se viu incapacitado de produzir (“bloqueio criativo”)?

Vamos começar do fim, neste caso. E a resposta é já. E é terrível ficar um bom tempo sem as idéias virem. É como uma morte em vida. Sinto-me um completo inútil. No início, quando a gente começa a produzir algo com intuito de publicar, o bloqueio é problemático. Cria um incômodo que retroalimenta o próprio bloqueio. Com o tempo, a gente amadurece essa sensação e pensa que é passageiro. É uma lacuna temporal, tão somente. Depois, acho que isso tem a ver com uma certa incapacidade momentânea de ouvir, de ver, e de agir, pondo no papel as impressões diárias, as histórias capturadas diariamente pelas conchas, de ouvir e as reflexões que delas se pode extrair. E aí acho que respondo a primeira parte da tua pergunta. O processo de criação tem muito a ver com essa capacidade de ouvir e, também, com uma certa capacidade de transformar isso em imagens metafóricas, diria mesmo alegóricas. Às vezes, a realidade é muito extravagante. Contar as várias histórias cotidianas à sua maneira é a tarefa de um escritor. Há mais uma coisa: a história posta no papel, ou melhor, na tela do computador, se comporta como pedra bruta que necessita ser lapidada. E aí é a parte mais gostosa. Trocar uma palavra, melhorar uma frase, retirar ou trocar de lugar uma pontuação, uma expressão qualquer. Aumentar, diminuir, enxugar. O pulo do gato de como fazê-lo só se descobre fazendo.

2 - Você já havia publicado seu trabalho na coletânea de escritores “Instantâneo”, na década de 90. De onde surgiu a ideia de escrever seu primeiro livro?

As coisas aconteceram muito rapidamente. Participava de um grupo bem produtivo, trocando impressões do mundo à nossa volta. Já escrevia quando fui convidado a participar do Instantâneo pelo Erly Vieira. Tinha algum material guardado e naquele momento eu estava em plenos estudos de meu mestrado. Estava apaixonado. Escrevia como se o papel já produzido no mundo fosse acabar a qualquer momento. Era uma necessidade diária. E tem uma coisa: sentávamos eu e o Douglas Salomão, velho amigo, e ficávamos discutindo Literatura e modos cada vez mais econômicos de escrever. A ideia era, então, escrever com o mínimo de palavras, mantendo a coerência necessária à plena compreensão do que escrevíamos. Destas brincadeiras no horário de almoço até a escrita do livro foi um salto. Lembro-me que saiu um edital pela SECULT e então me inscrevi junto com alguns amigos. Não fui contemplado de primeira, apenas no ano seguinte consegui publicar o Sqizo.

3 - Algum autor influenciou no desenvolvimento do seu estilo de escrita?

Acho que meu modo de escrita é uma conjunção de muitos modos. Como disse antes, escrever um livro é contar uma ou muitas histórias. Há muitos modos de contá-las, muitos estilos de fazê-lo. Um cara de quem gosto muito do jeito de contar histórias é o Raduan Nassar. Mas têm outros tantos como o Machado de Assis, com aquele mau humor característico. Tem também o Guimarães Rosa com todos aqueles falsos-neologismos. Isso é uma coisa bacana. O que chamou a atenção no estilo de Guimarães Rosa foi descobrir muita palavra em desuso que ele colocava no texto e que todos achavam que era um neologismo e não era. Isso é uma sacação muito bacana dele. Palavras esquisitas, esquisitices da lín-

gua. Foi nessa que embarquei.

4 - Seus textos são caracterizados por serem poéticos. Nunca pensou em escrever poemas?

Já, mas não creio que tenho talento para tal. Não sei nada de métrica, não me atraio por esse tipo de escrita. Raramente leio poemas. Prefiro prosa.

Gosto, no entanto, da sonoridade que as palavras podem gerar em prosa. É mais interessante no meu julgamento.

5 - Em “Sqizo”, por que a escolha de trabalhar com mais de um tipo de narrador?

A idéia inicial de Sqizo era um livro de contos. De curtíssimas histórias que se comportariam como cenas recortadas de um filme contínuo e coladas aleatoriamente, embora tivessem, cada uma, um fio condutor dado pelas epígrafes apostas no início de cada parte que o divide. Depois descobri que os discursos se emendavam e se repetiam às vezes, como se fossem ecos. Então, se você olhar com atenção, vai ver personagens ali. Vai ver homens e mulheres que discursam sobre a dor da existência e também sobre os prazeres que ela pode proporcionar. Vai ouvir discursos sobre fé e niilismo, vai ouvir coisas sobre desejo e culpa. Tem um texto, por exemplo, que trata em voz feminina de assuntos próprios do universo feminino, do corpo feminino.

6 - Sua forma incomum de escrever busca um tipo específico de leitor. Que leitor é esse? O que você propõe a ele?

Nada além de boa leitura. Mas tem que ser um leitor diferenciado, por certo. Deixo, propositalmente, muitos fios soltos e discursos inacabados que requerem que o leitor os complemente. Forço a barra nisso, às vezes. E vou contra a escola literária que afirma que o escritor não tem intenção na escrita, ou melhor, que nenhum texto guarda uma intencionalidade em relação ao leitor.

“tem uma coisa nos teus olhos, uma espécie de auréola perspicaz que enjeita qualquer sonda e que subtrai toda cobiça; rende-se quem não te olha de soslaio, o lápis, as curvas, o terço escondido da pupila, a sobancelha; e num orientalismo desconcertante, uma gueixa se plasma, nua;”

Sqizo, página 20

“eu, caibro, no teto do mundo; rumino o pasto ressequido de plena insuficiência; e intolero o peso da atmosfera, quando ando, sem o chão nos pés; levito; mas as palmilhas, à flor da pele, tocam, térreas, o nível do mundo; e ali, os tornozelos, como qualquer coluna, insuportam a gravidade;”

Sqizo, página 43

*~Acho que meu **modo de escrita** é uma conjunção de muitos modos. Como disse antes, escrever **um livro** é contar uma ou **muitas histórias**. Há muitos modos de **contá-las**, muitos estilos de **fazê-lo**~.*

7 - Por ter estudado Filosofia, você já deve ter ouvido falar muito em Schopenhauer. Ele dizia que existem escritores que vivem da literatura e escritores que vivem para a literatura. Em qual desses grupos você se encaixa?

No segundo, certamente. A literatura para mim é ligada ao puro deleite. É talvez o único lugar em que posso ser totalmente criativo sem medo do que vão achar os outros. É meu quinhão de liberdade. Não tenho qualquer compromisso com a literatura, que não o puro deleite. É como disse antes, tenho prazer especial em ler e escrever.

8 - Darós, depois do primeiro livro publicado, você pensa em publicar outros?

É como um vício esse negócio. Penso nisso sim. Já estive no término de um segundo livro, mas graças à pós-modernidade tecnológica, perdi meu pen-drive com tudo dentro. Reiniciei o trabalho e estou quase concluindo um novo trabalho que guarda muita semelhança com o primeiro e, não obstante, muita dessemelhança, principalmente na forma.

9 - É fato que o gosto dos jovens pela leitura de obras literárias já foi maior. Como despertar o interesse deles por textos como “Sqizo”?

Não creio que o Sqizo vá de encontro aos anseios de jovens leitores. Creio que ele propõe uma leitura mais concentrada e por isso mesmo necessita um leitor mais maduro

do ponto de vista de já ter experimentado a vida um tanto mais. Neste caso, nada a propor em relação ao Sqizo. No entanto, a literatura, de modo geral, perdeu seu encantamento na medida em que foi transformada em disciplina e teve sua alma surrupiada pela didática e aprisionada nas masmorras pedagógicas da escola. Então, são necessários pais leitores, amigos leitores para criar a expectativa, nos jovens, de que alcançarão algum deleite no ato da leitura.

10 - E a literatura produzida no Espírito Santo? O que você pensa sobre os entraves de sua divulgação e seu reconhecimento?

Essa pergunta me faz pensar em para quem queremos ser bons escritores e bons autores. O Rilke escreve ao Kapus respondendo a uma carta deste e afirma que escrever tem a ver com uma necessidade. Se temos essa necessidade, então, parece-me, deveríamos nos bastar. É a própria manifestação da cultura viva de nós em nosso próprio território. Deixa entrever nossa diferença. Vez ou outra mostra outras terras que algum dos nossos escritores-viajantes conheceu. Diz respeito a este território em toda a sua especificidade e àquelas pessoas que aqui vivem e demanda o companheirismo próprio da convivência. Por outro lado, há a indústria que publica e distribui livros. Em São Paulo são fortes como todo outro tipo de indústria. No Rio, remontam à transferência da Corte e ao Império, e são fortes também. Nós engatinhamos, embora tenhamos algumas experiências esparsas nesta área. Um exemplo é a Editora Flor&cultura do saudoso Miguel Marvilla.

SQIZO



Sqizo é um quebra-cabeça. Suas peças são pequenos tabletes para serem comidos um a um, saboreados com reflexão e digeridos com sarcasmo. Se possível, - e se a provocação não for demais para o estômago - regurgitados para uma nova digestão, onde o sexo e a loucura são os principais temperos.

A obra permite ao leitor escolher sua forma de absorção. Pode-se ser lida como um romance, onde o apelo sexual dá lugar à decepção amorosa em um curto espaço de tempo, para terminar, páginas adiante, em insanidade e apodrecimento. Um leitor afeito a contos encontrará um eco entre os textos, terminando por descobrir algumas ligações entre eles. Nas duas leituras, porém, o leitor é convidado a dar sentido às linhas. O mundo fragmentário apresentado por Darós reproduz frações do cotidiano, algumas dissimuladamente, outras imaginariamente. Cabe ao leitor absorvê-las e ordená-las.

Poeticamente seduzido pela prosa de Sqizo, ambientamo-nos nas cenas descritas cinematograficamente pelo autor. Narradores confundem-se e não retratam ninguém em especial, mas partes de todos nós: violentos, irônicos, pervertidos, loucos.

Esse é Alessandro Darós em sua obra, levando o leitor a achar verdades, para em seguida perdê-las de vista.



"Era hora do  e a **SUAVE LUZ** do **GRANDE** candelabro sobre a mesa iluminava a *delicada* louça chinesa e a **PRATARIA** *utilizadas* no evento da *Duquesa*. As mãos **alvas** dela se moviam de forma ágil e *delicada* através das s e **seus lábios** *carmesins* sorriam por algo que **DORIAN** havia sussurrado em seu ouvido. Lorde Henry, **SENTADO CONFORTAVELMENTE E UMA CADEIRA DE VIME COM** **adornos de seda**, **OLHAVA PARA ELES**. Em um *divã* cor de *pêssego*, *Lady Northborough* fingia prestar **ATENÇÃO** no *Duque*, que **discursava** sobre o mais novo **BESOURO BRASILEIRO** que ele havia adquirido para sua coleção. **3 HOMENS** jovens vestidos em *elegantes ternos* serviam *tortas* para **ALGUMAS** convidadas. Essa reunião **íntima** consistia de 12 *pessoas e + algumas* eram esperadas para o **DIA** seguinte."



CHÁ DAS SETE

SOL NA GARGANTA DO FUTURO

O grupo Sol na Garganta do Futuro foi fundado em 2001 movido pela vontade de experimentar uma mistura de música e literatura. Formado, em Vitória, por Fabrício Noronha (voz), Hugo Reis (guitarra/violão/viola caipira/back vocal), Murilo Esteves (sampler/sintetizador), Vinícius Fábio (contrabaixo/back vocal) e Caio Nunes (bateria/percussão), o grupo não se restringe a somente um estilo e caminha por samba, rock, funk carioca, bossa, blues, jazz e o que mais for passível de experimentação. Ainda, no palco ficam claras influências de literatura, artes visuais, dança, teatro e audiovisual.

Em 2005 lançaram o primeiro CD (demo) e, em 2007, o segundo (também demo). Em janeiro de 2010, foi a vez do “Ao Vivo em Estúdio”, um conjunto de gravações lançado na internet e que está sendo utilizado como base de estudo para o primeiro disco, “No meio de Tudo: Espaço”, com lançamento previsto para 2011.

Além disso, para os escritores interessados, o Sol na Garganta do Futuro está sempre disposto a avaliar textos, que podem ser enviados para solnagarganta@yahoo.com.br, para serem musicados pelo grupo.

A entrevista a seguir foi extraída de um bate-papo literário feito com três membros do grupo (Hugo, Murilo e Vinícius) no dia 17 de maio de 2010, às 19h, na Universidade Federal do Espírito Santo. Dentre os assuntos discutidos, vale ressaltar o peculiar processo de produção/experimentação da banda, as diversas reações do público (nem sempre muito educado) em relação à proposta do grupo e a militância dos membros em prol da música livre.



ERLY: Bom, em primeiro lugar, boa noite a todos e sejam bem vindos ao nosso Chá das Sete desse mês. O Sol é uma banda que tem várias interfaces: tem um bom pé na literatura, tem um forte pé no audiovisual também, e em várias outras militâncias nos movimentos de luta voltados para a mídia livre. Então a gente vai fazer um bate-papo em cima disso e eu gostaria de pedir que vocês começassem falando pra gente o que é o Sol.

VINÍCIUS: Bom, o Sol existe desde 2001. Faz nove anos que a gente desenvolve esse trabalho de misturar música com poesia falada, mas essas outras linguagens, do vídeo, do sampler, da tecnologia, foram entrando na banda aos poucos. A experiência audiovisual sempre existiu nos integrantes, mas apresentá-la no palco não foi de início. A banda já passou por várias formações, aliás já devem ter passado uns 10, 15 nomes, e a formação atual já tem uns dois anos. Eu sou o baixista. A banda tem mais o Murilo, que mexe com sampler e também com as projeções; o Hugo, que toca violão, viola e guitarra; o Fabrício, que é o vocalista e que escreve a maior parte dos textos; e tem o batera, o Caio, também.

ERLY: A formação atual existe há quanto tempo?

VINÍCIUS: O Hugo e o Fabrício estão desde 2001, eu estou desde 2003 e o Murilo é mais recente, a gente comprou ele faz pouco tempo (risos).

HUGO: Primeiro eu quero dizer que eu vi a revista número zero e gostei bastante, fiquei super animado com o convite. Mas, o início da formação da banda foi mais ou menos assim: houve uma noite que a gente passou lá em casa, estávamos eu, o Fabrício e a minha professora de violão. Fazia pouco tempo que eu tinha conhecido o Fabrício e a minha professora de violão escrevia poema também. A gente foi lá pra casa pra ficar trocando texto, conversando e tal, e fizemos um vídeo em que produzíamos em cima de um poema dela. E aí começamos assim: eu tocando violão, improvisando na hora, e Fabrício lendo.

ERLY: O próprio nome, “Sol na Garganta do Futuro”, é uma idéia literária?

HUGO: Ah é! Surgiu no meio das nossas conversas, troca de e-mails e tal. Numa delas, a gente estava discutindo a idéia da banda, do projeto, e nos e-mails que a gente trocou a gente assinava como Sol na Garganta do Futuro, que é um trecho do poema “Meu povo, meu poema”, de Ferreira Gullar: “No povo meu poema está maduro como sol na garganta do futuro” - porque na época a gente estava lendo bastante Ferreira Gullar... E tem isso, também: no início era um projeto, que se chamava Projeto Sol na Garganta do Futuro, e a idéia era que a coisa fosse aberta e que a gente incorporasse sempre outros poetas, outros músicos, fazendo uma espécie de produção que envolvesse outras pessoas. Depois, com o tempo, a gente foi fechando, configurando mais o formato de banda mesmo.

DAMN: Quais são as suas preferências literárias? Quais são os autores que vocês têm como referência e que mais influenciam seu trabalho?

HUGO: Cada um tem a sua, é bem heterogêneo o grupo. Eu gosto muito de... Eu leio muita poesia, gosto muito de poesia... Tem que citar nome mesmo? (risos)

MURILO: Eu só leio utopia, eu leio mais ficção. Não curto muito poesia. Influencia mais no que eu faço, por eu ler muito de utopia. A maioria das obras de utopia que eu leio é mais voltada pra tecnologia, algo muito no futuro, então é um texto muito voltado pra uma coisa de computador, que é o que eu faço na banda. Então acho que tem um pouco a ver, que influencia na minha referência de ruído.

ERLY: Como funciona essa coisa do elemento sampler na construção musical do Sol?

VINÍCIUS: Ah, eu acho que é uma ferramenta que a gente busca pra tentar uma experimentação. Começou como uma experimentação da idéia da nossa vivência pra tecnologia. É mais como uma ferramenta que a gente usa pra tentar adequar a construção da poesia à música.

HUGO: O Murilo trabalha muito com ruído como elemento musical, então desde que a gente tentou trazer esse reforço do sampler, temos essa coisa de trabalhar o som de coisas que estão na natureza, o som de coisas mecânicas, e o ruído também, que é o que ele produz com sintetizadores digitais.

MURILO: É porque na verdade eu não trabalho um instrumento. Quando eu ligo meu computador tem, sei lá, 20 canais abertos de sample e instrumentos virtuais. Há instrumentos que são sintetizadores, outros instrumentos que são teclados, e outros são apenas vozes gravadas - tipo a do Pedro Rocha, do Rio, que é um sample dele recitando um poema. Então cada música é construída de uma maneira diferente. O computador é uma coisa meio composta, em cada música ele trabalha de várias maneiras, dependendo da música.

VINÍCIUS: Mas também a gente não acredita que a poesia é velha, sabe, “ta no papel, e é velho porque ta no papel”. É porque poesia não é só escrita. A poesia está na música, também.

MURILO: É, e poesia concreta, né, cara...

VINÍCIUS: A nossa situação, então, é essa, de arrumar elementos pra textura com uma ferramenta de composição. A gente está experimentando. Há tempos atrás nós falávamos que a gente tocava música sem nome.

ERLY: Eu queria que vocês contassem um pouco da experiência do Sol em relação à aceitação do público, sobre como é recebida a proposta da banda pela platéia e pelos próprios realizadores.

HUGO: Ah, uma vez chamaram a gente pra um evento num estacionamento. Fizemos o set de poemas e daí aconteceu isso: desligaram o som mesmo, na parte final do show e não falaram nada...

VINÍCIUS: Já aconteceu várias vezes. No primeiro show, já em outro contexto, em que até estávamos sem o batera e o flautista, o Daniel, fomos eu, Hugo e Fabrício tocar em “Novo Oriente”, “Novo Horizonte”, alguma coisa assim, em Cariacica, num evento que os punks estavam organizando. Um evento heavy metal, organizando por punks, e a gente recitando poesia lá... E a repressão foi tão grande quanto. Acontecia de a gente estar tocando e entrar um falando “e daqui a pouco: banda tal e não sei o que lá!”.

HUGO: A galera é difícil de aceitar mesmo. Em qualquer nicho, eu acho, já rolou uma repressão assim, de desligar som, de interromper, de vaiar “ih, fora”...

ERLY: Conta pra gente disso, do “ih fora”...

HUGO: É porque primeiro a gente iria abrir o show do Zé Maria, mas aconteceu alguma coisa que mudou a programação e daí ficou decidido que a gente iria abrir o show da Vanessa Camargo. Aí, na mesma hora, a gente ficou estranhando “pô, Vanessa Camargo”, né... Falaram pra gente “porque outro público precisa conhecer o trabalho de vocês” e nós pensamos “tá, vamos lá apresentar o nosso trabalho pra um outro público”. E na hora a gente já começou a sentir a pressão, né, estava cheio pra caramba o lugar...

VINÍCIUS: Atrasou tudo e enquanto isso os fãs estavam lá fora, na fila, havia gente subindo no palco. O pessoal já estava puto porque já estava na hora de começar o show e a gente ainda estava passando som.

HUGO: E tinha fã da Vanessa desde 3, 4 horas da tarde esperando lá. Mas acho que a gente conseguiu até lidar bem com a situação, com bastante humor, né, e um pouco de provocação, também, é lógico.

VINÍCIUS: Mas teve uma hora também que eles não agüentaram o show. A gente queria fazer o repertório inteiro, mas estava tudo atrasado, e os fãs querendo ver o ícone deles, daí começaram “ih, fora, ih, fora”... E é engraçado, porque, depois do “ih, fora”, a próxima música eles aplaudiram loucamente. A música era uma referência do Nirvana, até, e de repente estavam todos pulando, uma loucura. Foi bacana.

HUGO: Mas é curioso isso de a gente ser chamado pra tocar nos lugares mais diferentes.

LEANDRO: Como vocês fazem para escolher o repertório para cada show? Tem alguma diferença por causa do tipo de público?

HUGO: É, na verdade, depois que o Murilo e o Caio entraram, o formato da banda foi muito mais para as influências deles. O Caio é um baterista de rock and roll e o Murilo é música eletrônica. O formato da banda está diferente, mas a gente sempre pensa bastante o repertório antes de tocar. O repertório é como o nosso roteiro: se fosse um filme seria o roteiro da banda. Portanto é muito importante definir, por exemplo, a música do meio, a música que começa, a música que termina o show.

VINÍCIUS: Mas a gente não fica pensando só em agradar, não, a gente pensa em às vezes cutucar. Às vezes uma bossa nova entra... Mas também às vezes acontece de “ah, é palco aberto”, aí a gente pensa “então vamos fazer uma pegada mais rock and roll, mais agitada”. Acontece das duas formas.

HUGO: Quando é teatro, por exemplo, em que está todo mundo sentado, isso influencia bastante o repertório.

VINÍCIUS: E a gente sempre pensou as apresentações do Sol em todas as linguagens, tanto pensando no vídeo, quanto na música, na poesia. Inicialmente as apresentações eram sempre no contexto de um lugar fechado, uma coisa de espetáculo.

HUGO: É porque era pra que você pudesse manipular cenário, luz, tomar conta de tudo isso. No nosso primeiro show, inclusive, a gente construiu uma mesinha de luz bem artesanal, portanto já havia a vontade de poder controlar essa coisa do espetáculo multimídia.

SIDO: Eu queria saber mais das influências musicais de vocês. O que influencia o som de vocês.

HUGO: Ah, da minha parte é muito música brasileira, da década de 70 pra cá, e rock and roll também, bastante.

MURILO: Eu escuto muito hard core, que não tem nada a ver com o nosso som, muita coisa eletrônica, muita coisa experimental em música eletrônica, coisas feitas em software livre, e as coisas mais main stream também, como Daft Punk. Escuto muito coisas da galera que constrói instrumento e tem muita coisa de ruído, de não ser nada muito harmonioso, nada daquele timbre que você está acostumado a escutar, uma coisa que meio que causa desconforto. Mas isso não é o tipo de coisa que eu fico tocando o tempo inteiro, porque senão satura, você não agüenta escutar. Na maioria das vezes isso ocorre pontualmente, realmente por não ser uma coisa muito harmônica, gostosa de ouvir até.

VINÍCIUS: Eu também gosto muito de música brasileira, de todas as décadas. Internacional, vai desde de... Parar com isso, né, de brasileira e internacional. Eu escuto, sei lá, gosto do Bob Marley, Sex Pistols, cada hora eu escuto alguma coisa.

HUGO: Valter Franco, o próprio Jards Macalé, com quem a gente entrou em contato e conseguimos fazer alguns shows com ele, a galera paulistana, o Barnabé, a Mara Assunção...





LEANDRO: Como é que foi o show do Jards lá em Uberlândia?

HUGO: Foi emocionante. Foi assim: a gente foi pro estúdio antes do show, todo mundo estava super nervoso, e de início já ficamos assustados com o jeito dele, de não conseguir tocar em banda. Ele já teve banda nos anos 70, uma banda muito peculiar pela qualidade dos músicos, mas com a gente, acho que porque somos mais novos, porque não somos musicalmente tão experientes quanto aquela galera, foi bem complicado, nesse início, pra ele se adaptar. Mas lá no palco foi tudo certo e teve uma hora até em que eu parei e fiquei só no canto olhando, assim... E quando ele aceitou tocar com a gente de novo foi melhor ainda, porque ele já estava muito mais à vontade com a gente, de até criar coisas novas no estúdio.

VINÍCIUS: É maneira também de a gente ter essa preocupação toda, e quando chega na hora do ensaio ele “pô, ta bom, não precisa ensaiar mais não, se ensaiar mais vai dar errado, duas vezes a gente tocou”. Eu nunca iria imaginar isso, pô, Jards Macalé, o cara toca pra caramba, é super influencia, na tropicália, influenciou todo mundo, foi diretor musical do disco do Caetano, e mais milhares de outros artistas, e o cara fala “não, relaxa, vamos tocar lá, ta tudo certo”.

HUGO: É muito do improviso, né. O cara do improviso. E muito da influência dele, eu digo o jeito de tocar mesmo, influencia bastante. É um desapego daquela história do músico certinho: o violão dele é sujo, rasgado, é muito mais sentimento do que técnica.

VINÍCIUS: E ele sempre teve essa ligação com a poesia também. Afinal tem o Waly Salomão, os dois são parceiros, por isso tem tudo a ver a gente tocar junto.

DANIEL: Então, a gente tem uma pergunta aqui via MSN do Rafael Abreu. Ele queria saber mais um pouquinho sobre como é o respeito do público à proposta de mídia que vocês têm.

HUGO: A gente sempre é chamado pra tocar em algum lugar, mas sempre ficam esperando a música cantada, a canção, que é a tradição da nossa cultura e tal. Eu acho que o primeiro estranhamento é esse: “Os caras não vão cantar? Só vão ficar falando?”. Um outro problema geralmente é a sonorização do lugar, porque o equipamento de som dificilmente vai dar conta dessa particularidade da banda também. O instrumento sempre tem que estar mais baixo que a voz, e a voz tem que ser muito bem equalizada pra conseguirem entender o que o poeta está falando. Porque quando acontece de ninguém entender o que o cara está falando e de não chegar a canção, esse é o primeiro estranhamento de quem não gosta. O Sol passa muito por isso, por essa esperança da cultura da canção, vamos chamar assim. Agora, quanto à música, o multimídia - o vídeo, por exemplo -, a gente pensa igual pensa a música, com o tempo. A gente está sempre se preocupando em não dar projeções gratuitas, a projeção tem que ser um elemento a mais, complementar, não só um cenário.

MURILO: É, e acho que faz parte do show, é uma apresentação. Não que a música fique restrita a você a consumir gravadinha, porque ao vivo a música nunca é igual, mas acho que uma projeção, uma iluminação, complementam o espetáculo. As pessoas vão aos shows não só pra ouvir a música, mas pra ver esse show completo.

HUGO: É uma mídia, né, uma forma de expressão mesmo, o vídeo, a iluminação. É uma maneira de falar alguma coisa, eu acho isso maneiro...

VINÍCIUS: Não sei se diferencia tanto dessas super produções, porque elas também querem dizer alguma coisa com a imagem que elas jogam.

HUGO: Talvez a gente seja menos óbvio, né. A gente trabalha muito com coisas abstratas, formas, linhas, tipos...

ERLY: Conta pra gente como surgiu o Cabra Cega, o clipe.

VINÍCIUS: Cabra Cega surgiu primeiro como texto, do Fabrício inclusive, e escolhemos esse texto pra produzir em cima. É uma das nossas músicas mais estranhas, depois de “11 de setembro”.

HUGO: O pai do Daniel (ex-integrante), na década de 70, filmava com super-8 e tinha acabado de passar as imagens de super-8 pra DVD. Então ele (Daniel) chamou a gente pra ir lá ver, e a partir disso a gente começou a trazer aquilo pros shows como projeção. Depois o trabalho foi de editar em cima da música, já pensando melhor os momentos, e dessa edição fizemos o clipe. Daí o clipe passou a fazer parte do show.

HUGO: A música fala sobre ditadura, repressão, e as imagens do pai do Daniel eram imagens de uma classe média que estava por fora, como se não soubesse o que estivesse acontecendo, que estava alienada. Então é o contraste. O norte do argumento do vídeo é assim.

VINÍCIUS: Calhou de a gente ver essas imagens do super-8 no mesmo instante da música. Mas eu interpreto não só como essa galera alienada, mas também como um outro lado da ditadura: não era só tristeza, não é que a galera não ligava pra nada, não é bem isso, eu acho, que a gente quer passar... Ou a gente resolveu isso agora... (risos) Aí o trabalho maior foi de edição, que era conciliar os momentos, a fotografia, combinando exatamente com cada trecho da música.

ERLY: Geralmente os materiais do Sol estão em Creative Commons. Alguns realizadores têm esse hábito, mas a gente não vê isso tão difundido. Falem um pouco pra gente sobre o que os leva a fazer isso.

HUGO: O bem cultural não deve estar restrito às pessoas. Se você cobra, sei lá, um real, dois reais, já tem gente que não vai poder usufruir daquilo. Tudo isso começou com o Cine Falcatrua, na verdade, e nem sei se a galera conhece. Eu e o Fabrício formamos o Cine Falcatrua e uma das principais propostas desse cine clube era discutir o direito autoral. Na época, a gente leu muita coisa, participou de vários debates, e daí pra música foi um pulo, né. Atualmente já existem movimentos nacionais nessa militância e a gente hoje faz parte do MPB, Música Para Baixar, que é um movimento também que



MURILO: Faz parte de uma criação, de uma inteligência comum, na verdade. Quando você transforma a produção naquela coisa proprietária, fechada, você acaba negando acesso a várias pessoas que têm vontade de conhecer. E, mais importante ainda que só disponibilizar, é também mostrar o processo de como fazer as coisas. O Sol já ofereceu umas oficinas assim, então eu acho que esse esquema é importante: deixar os materiais disponíveis e ensinar como se faz.

HUGO: Essa música mesmo, Cabra Cega, né, “pô, ta passando na MTV”, e ela foi gravada em estúdio caseiro, na casa do Fabrício, com poucos recursos. A partir disso a gente criou um negócio que se chama Estúdio Garganta, que funciona assim: a gente vai pra um lugar, monta um estúdio caseiro com o básico e grava pessoas que querem conhecer, lendo um poema, tocando alguma música, e, na medida do possível, ensina também a parte de edição, de manipulação dos softwares. A gente fez uma oficina em Cuiabá, no Festival Calango, que é um Festival do Instituto Fora do Eixo, e gravamos uma galera lá.

VINÍCIUS: A maioria da galera que foi gravar não tinha acesso nem a isso, de poder gravar de qualquer jeito. E depois fica tudo disponibilizado, para quem quiser ouvir, baixar. É bacana, através dessa coisa livre, da cultura livre, poder influenciar essas pessoas a aprenderem e mostrar que existem outros recursos. Você não precisa ser dependente de ninguém para conseguir produzir e divulgar o seu produto.

MURILO: Uma coisa legal sobre cultura livre é o estudio-livre.org, que é um site muito legal. Vale a pena pra você não precisar comprar. Tu quer gravar a sua banda e não precisa ser, sei lá, um programa da adobe pra gravar a sua banda, você vai ter um software livre pra utilizar.

ERLY: Geralmente quando uma banda começa, ela começa tocando covers e depois parte para as composições próprias. No primeiro show que vocês abriram, acho que havia textos próprios, mas acontecia o equivalente com vários textos de diversos autores. Depois de um tempo, começaram a usar textos próprios, como foi falado. Como foi isso? E hoje vocês ainda fazem textos de outros autores?

HUGO: A gente ainda faz textos de outros autores, mas cada vez menos, isso é verdade. Um dos problemas era em relação ao direito autoral mesmo. Muitas vezes a gente ia em algum lugar e aí, “não, é texto de fulano, melhor não fazer, porque pode dar problema de direito autoral”. Mas essa transição é uma questão de segurança mesmo, enquanto banda. É um processo de amadurecimento sobre o que é o próprio trabalho.

MAINÁ: Em relação ao futuro da banda, vocês pensam em mudar alguma coisa do formato atual? Incluir novos membros, modificar algo nas apresentações?

HUGO: A gente pensou em adicionar outro instrumento... Nós sempre falamos de colocar um tecladista, uma outra guitarra, sopro, e há esse lance com o audiovisual, que a gente está tentando melhorar. Mas a questão é que a gente não consegue se dedicar o tempo que é necessário para fazer tudo, então, por exemplo, nem todas as músicas têm projeção. É um pouco por escolha e é um pouco também porque a gente não dá conta de fazer tudo o que a gente quer. Por exemplo, a gente fez o Circulação Cultural, que era o projeto de um edital da Secult, e a gente pensou cenário, iluminação. Foi como o auge do que a gente pensa enquanto apresentação do grupo.

VINÍCIUS: Mas experimentar, mudar algum formato, alguma coisa, a gente deixaria, sim.

ERLY: E o blog Garganta? Já saiu? Quando sai?

VINÍCIUS: Era pra ter saído, né...

HUGO: O blog garganta está em fase de programação. Mas deve sair agora ainda, antes da metade do ano. Já tem bastante conteúdo.

ERLY: E o que vai ter nesse blog garganta?

HUGO: Então: livros pra baixar, vídeos que a gente produziu, tipo esse videocast que foi produzido no fórum de mídia livre e agora no Noite Fora do Eixo, textos e notícias dessa área que a gente circula. A gente também tem outro projeto, que é de gravar com vídeo poetas, misturando com referências musicais no lugar, e que é um projeto nacional, então isso também estará lá e material do Estúdio Garganta.

ISABELLA: Em relação à composição das músicas, vocês escolhem o texto antes de fazer a melodia ou o contrário?

VINÍCIUS: Depende do momento. Às vezes, num mês, a gente compõe umas três músicas novas e texto a gente vai catando aqui, catando ali. Fabrício tem um livro inteiro, sabe? Artigos científicos também às vezes a gente usa, ou alguém lê alguma coisa, “sensacional isso, vamos usar”, ou “ah, assisti um filme que tem um trecho”. Então depende.

ERLY: E quando é com textos de vocês? Vocês já tiveram a experiência de ter que adaptar os próprios textos? E aí o que acontece? A versão final do texto é a que está na música? Como é isso?

HUGO: No caso do livro do Fabrício, por exemplo, eu acho que tem muita coisa que mudou na versão final do livro por causa das adaptações que a gente fez nas músicas. É ele quem vai saber dizer de verdade.

VINÍCIUS: Mas acho que o Fabrício não tem problema com isso...

HUGO: Eu mesmo já cortei várias coisas dos textos dele...

VINÍCIUS: A gente tem essa liberdade. Muita intimidade (risos)...

HUGO: É porque às vezes a mudança tem a ver com métrica, e a gente modifica às vezes até, sei lá, pra ficar mais fácil pras pessoas entenderem... De alguma maneira...

VINÍCIUS: Pra gente entender também... (risos)

ERLY: O Sol, ao mesmo tempo que tem o lado engajado, militante, e toda essa coisa de disponibilizar material, tem o outro lado, que é o da banda mais articulada em termos de editais do governo. O que vocês têm a dizer sobre isso?

HUGO: Eu acredito em que houve uma mudança de pensamento cultural mesmo, há mais investimento público em cultura. Acho que isso é um momento bom que a gente está vivendo.

VINÍCIUS: É porque nós buscamos isso de correr atrás e divulgar o trabalho, de mostrar o nosso trabalho para as pessoas. Os editais são uma maneira de as instituições públicas ajudarem a galera que está trabalhando com arte e que não é focada nessa coisa do main stream, né. Existe abertura para outros trabalhos, tanto é que, aqui no estado, a gente conseguiu algumas passagens para ir pro Festival Calango e fazer essa oficina lá. Conseguimos tocar aqui pelo interior do estado no Circulação Cultural, e pelo MINC a gente conseguiu passagens para ir pro sul participar do Fórum de Software Livre, do fórum MPB. Então esse sistema de editais é bacana, você tem essa possibilidade.

HUGO: A gente corre atrás de tudo, quando é possível, com esse tipo de coisa. Não temos nenhum preconceito.

VINÍCIUS: Porque também é dinheiro às vezes para podermos viajar. Às vezes nós não conseguimos tudo de graça. Já pedimos apoio várias vezes, mas o pessoal não dá, e aí não tem como a gente ficar gastando a grana de passagem de avião pra ir se apresentar. Não é nem questão de “pô, não vou ganhar pra tocar”, mas é uma questão de possibilidade, é inviável mesmo. Nós não temos condições de pagar uma passagem pra ir lá pra Cuiabá, pagar hospedagem, pagar alimentação, pra dar uma oficina e voltar.

ERLY: É, eu queria saber de vocês uma coisa, até pra botar o Murilo pra falar de novo (risos), sobre esse elemento do sampler, do ruído, que o Sol apresenta. Que referências vocês trabalham?

HUGO: O movimento concreto é muito influente na gente, os concretistas todos... Fala aí, Murilo...

MURILO: É, eu acho que a gente chega muito perto da coisa sintetizada, do computador e do ruído. Na música Máquina de Som, que é uma composição do Pedro Paulo Rocha, o Hugo, o Fabrício e o Ricardo, num evento que fizemos, gravaram num quarto e na época refizemos essa música, demos uma cara nova a ela. Nessa música eu trabalho com um software livre e ele faz ruídos aleatórios, que é uma coisa muito parecida com o texto da música - uma máquina de som. O programa faz tudo, eu não faço nada, e a gente nunca sabe o que vai acontecer, é totalmente aleatório.

ERLY: Mais alguma coisa que vocês queiram falar?

VINÍCIUS: É isso aí, valeu, obrigada pelo convite, gostamos muito, e, de novo...

HUGO: Eu queria falar que o show é melhor do que o CD... (risos)

VINÍCIUS: E é melhor do que a entrevista, também...

HUGO: É porque a gente aposta nessa coisa performática. A gente até foi entrar nesse edital de CD - aliás até foi aprovado e eu não consegui trocar os bônus -, mas, na época, a gente foi escrever o projeto e pensou, "mas, pô, a gente vai lançar um CD?", mas não serve pra gente a mídia... Aí que tá, "ah, tem que ser DVD, que tem que ter imagem e tal"... É porque a gente não resolveu isso ainda, mas é uma preocupação da banda de como mostrar o trabalho da melhor maneira possível.

ERLY: Então é isso, gente. Obrigado pela presença de vocês, do Sol, aqui no nosso Chá das Sete e dos demais participantes e interessados.

* A P L A U S O S *



VALISE



Kauê Scarim

28,00

Malibu
Suco de Abacaxi
Folhas de Hortelã

29,00

..... Mainá Loureiro Ferreira

O do Meu

Champagne
Suco de Blueberry
Suco de Limão



Brunella Brunello

30,00

Coisa de Cinema

Vinho
Nutella
Licor de Morango

31,00

..... Lívia Corbellari

O Amor ou Coisa que o Valha

Gim
Licor de Menta
Suco de Maracujá



Any Cometti

32,00

Tampo de Granito, Mesa de Centro,
Sala de Estar

Whisky
Licor de Chocolate



Fernanda Barata 33,00

Manhã de Outono

Leite Condensado

Melancia

Tequila

34,00

... .. **Sidney Spacini**

Sumário

Cachaça

Cereja

Suco de Laranja



Leandro Reis 36,00

No Desfalecer

Bacardi

Límão

Açucar

37,00

..... **Daniel Vilela**

From Yoknapatawpha With Love

Café Gelado

Vodka

Molho de Pimenta



Isabella Mariano 41,00

Amie

Sakê

Morango

Açucar



Kaue Scarin

Conto de Cantos

Sempre adorei o cheiro de gasolina.

Parado no posto, dentro do carro, com minha mãe ao lado, lembrava-me de minha infância. Nas férias, quando era pequeno, meu pai sempre me levava ao parque, e todas as vezes, sem exceção, parávamos em um posto – sempre o mesmo -, e, assim que ele ia pagar o combustível, eu já sabia o que viria depois. E lá vinha ele, sorriso no rosto, com dois ensolardos quindins nas mãos, comprados na pequena doceria ao lado do posto. No parque, ríamos, jogávamos futebol e sujávamos um ao outro. Depois, exaustos, felizes e imundos, voltávamos para casa, onde havia sempre um chá com bolinhos à nossa espera. A memória era tão forte que quase pude sentir o gosto dos bolinhos no chiclete de menta que mascava. Mas hoje está tudo diferente. No lugar do parque e da doceria, grandes arranha-céus, minha mãe já não tem tempo para os bolinhos e uma das muitas viagens do meu pai não o trouxe de volta.

Percebi que não estávamos mais no posto quando passamos por uma lombada. Minha mãe falava, e, pelo jeito, achava que eu a ouvia há algum tempo:

-... e depois eu vou no shopping ver se acho alguma coisa pra comprar, que eu tô de TPM. Vai sair hoje? Não quero que você beba muito nem que me acorde quando chegar! Ouviu? E quero que você comece a levantar mais cedo, que eu preciso da sua ajuda. – paramos no sinal – Não estou gostando disso de você acordar às dez todo dia. Não tem que fazer nada pra faculdade?

Saí do carro. Podia sentir o sangue subindo à têmpora. O buzinaço dos carros rep-

resentava que minha mãe ainda não tinha saído. Não olhei para trás. Nunca olharia.

Virei à esquina e notei a primeira porta à minha direita. Ela representava bem o estabelecimento como um todo: era antiga, suja e malcuidada. A única janela que dava para a rua estava com suas tábuas quebradas e as telas tomavam o lugar dos vidros. Acima da porta, havia a inscrição, em tinta branca: “República dos Bichos”. Isso me instigou e atçou algo em minha memória, mas não consegui me lembrar completamente. Entrei. Minha alergia à poeira quase não me deixou respirar. O lugar estava abandonado, entulhado, e a pouca luz que entrava não me deixava ver completamente seu aspecto. Saí.

Olhei para o relógio e vi que estava quase na hora da minha aula. Comecei a andar em direção à faculdade, sentindo o nauseante Sol bater em minha nuca, quando trombei com alguém que eu não parei para ver quem era. De minhas costas veio o grito. A voz era de homem. Não olhei para trás. Nunca olharia. Mais um grito. Andei mais rápido. Passei pelos dois quarteirões que faltavam quase correndo.

Chegando à minha sala, sentei no meu lugar habitual, ao fundo.

- Hoje é dia de redação! – disse a professora, com sua voz fina e irritante. – Sim, redação. Vocês escreverão sobre o que sonharam na noite passada.

Não aguentei. Levantei a mão:

- Sonhos? – minha voz saiu rouca – Que sonhos? ■



Mainá Loureiro Ferreira

O do Meu

Eu tenho um segredo.

Não. Eu não matei ninguém, não sou um vampiro e o meu padrasto não abusava sexualmente de mim. Eu não coleei no vestibular, nunca tive um caso com uma mulher casada e não vejo gente morta. Eu não me prostituo pra pagar a faculdade, não sou um agente secreto e nem tenho poderes mágicos. Eu não fiz cirurgia de mudança de sexo, não uso drogas e não tenho nenhuma doença terminal.

Eu tenho um segredo. ■



Brunella Brunello

Coisa de Cinema

A campainha toca. Ando até o final do corredor. Bato na porta. Você está esperando alguém? Não. Por quê? A campainha tocou. Ele anda até a porta. Abre. Problema. O menino chora, molhado de chuva. Brigou com o pai, estava na rua, buscou o colo da mãe. Aqueles pequenos problemas de adolescente que se transformam em uma grave crise familiar. Banho quente, cobertor e espera o outro dia para solucionar.

Pisco os olhos, lentamente. Balanço a cabeça.

A campainha tocou. Andei até o final do corredor. Bati na Porta. Perguntei se ele estava esperando alguém. Estranhou, porque a campainha tocou. Atravessamos o corredor. Ele foi até a porta. Fiquei atrás de portas e paredes, escutando. Voz grave, não distingui as palavras. A porta fecha, ele volta. Problemas? Não, nada. Só o vizinho, que veio deixar um documento. Guarde sua imaginação e vá dormir. ■



Lívia Corbellari

O amor ou coisa que o Valha

Não conseguia para de pensar nela. Sofia, Sofia, Sofia. Não cansava de repetir em pensamento e, às vezes, até em voz alta. Se isso não era amor, era de certo uma obsessão.

Ela disse que ligaria. Então esperava, pacientemente, o telefone tocar enquanto ouvia um cd do Chico Buarque, presente dela, claro. De repente, lhe passou pela cabeça que não saberia o que dizer se ela realmente ligasse. Afinal, estavam se encontrando havia menos de um mês e soaria falso confessar-lhe que já amava. Talvez fosse melhor continuar como estava, encontros casuais, nenhum compromisso. Aprendeu com outros relacionamentos que dizer 'eu te amo' era um erro. Em meio a esses pensamentos o telefone toca.

-Alô, Sofia?

-Oi. Tudo bem?

-Tudo e você?

-Tô ótima! Gostaria de te ver hoje.

-Eu também. Aonde você quer ir?

-Eu queria conhecer o seu apartamento...

-Ah... hum... Claro.

-Que bom! Então eu vou chegar aí daqui à uma hora mais ou menos. Tudo bem?

-Tudo.

-Beijos. Até mais.

-Beijos.

Ela viria, nem acreditava. "Justo hoje que a casa está tão desarrumada", pensou. Tentou arrumar do jeito que pôde. Tirou a poeira da sala, arrumou a cama e lavou a louça. Abriu a geladeira, tinha só uma garrafa de vinho pela metade. Olhou o relógio e viu que não dava mais tempo de comprar alguma coisa. Foi tomar um banho então.

Não demorou muito no banho. Ficou um tempo se admirando no espelho enquanto penteava os cabelos delicadamente. Quando abriu o guarda-roupa percebeu que não tinha uma roupa adequada para a ocasião. De tanto escolher, acabou colocando a roupa de sempre. Mas se perfumou como nunca. Sentou-se no sofá e sabia que passaria mais um tempo esperando. Ela não era muito pontual.

A campainha toca. Era ela. Respira fundo e abre a porta.

-Sofia... Você está linda!

-Obrigada. Você também está linda, Camila.

As duas se beijam. Sofia entra no apartamento e observa cada detalhe, da decoração aos móveis, como se dessa maneira pudesse conhecer melhor Camila.

-O que tem nessa sacola que você trouxe?

-É um vinho. Você gosta de vinho?

-Claro! ■



Any Cometti

*Tampo de Granito, Mesa de Centro,
Sala de Estar*

O corpo estava largado sobre o sofá da sala bagunçada. A fumaça do cigarro aceso, testemunha de um único trago, ainda ocupava o espaço vazio. Naquela manhã haviam brigado, logo depois do café, por um motivo idiota. Ela saiu enfurecida e passou horas no trabalho, resolvendo problemas pendentes há meses e escrevendo matérias, sem nem pausa para o almoço. Aliás, não almoçou. Nem comeu ou bebeu qualquer coisa. Por pouco não conseguiu esquecer que seu quase casamento estava prestes a acabar, por um motivo estúpido o suficiente pra ele transar com a primeira puta que estivesse dando sopa na rua. Mas se forçava a acreditar que ele não faria isso. E sempre se lembrava dele quando sua barriga demonstrava sua carência em voz alta. Comprou uma garrafa de vinho tinto barato e doce quando voltava pra casa, mas ela ainda descansava no fundo do congelador. Achou um maço de cigarros velhos no fundo da gaveta dele, mas o gosto da fumaça descendo pela garganta foi a pior sensação que já teve, e largou a guimba recém acesa no tampo de granito da mesa de centro da sala de estar. Ele costumava fumar antes de viverem juntos, e ela jamais esqueceu o dia em que sentiu o cheiro de seu perfume misturado ao sabão em pó sem a interferência da nicotina. Tirou os sapatos vermelhos dos pés mutilados pelo dia-a-dia e foi buscar a última tigela de doce que ele tinha feito. Tão bem como só ele poderia. Engoliu o doce diante de um jogo de futebol, e chorou aos berros ao constatar que, mesmo que o time dele ganhasse com vantagem, naquele dia não haveria comemoração. Borrou o rímel. Bagunçou o cabelo tão bem arrumado pela manhã e foi buscar um copo – um copo – de vinho na cozinha. Bebeu tudo de uma vez só, e encheu novamente até a borda, dessa vez levando a garrafa junto. Voltou pra sala. Desligou-se da televisão. ■



Fernanda Barata

Manhã de Outono

Acordada por um sol demasiado aconchegante e espalhado de certo outono específico (pois se lembra da data, a espertinha), Duda espichou-se na cama manhoso feito felino nato. Uma olhadela pelo entreaberto da cortina, Filó, inspirou-lhe boa vontade mais do que (des) necessária para *carpe diem*.

Em primeiro lugar, vestir algo apropriado, que, certamente: o macacão surrado e nada nos pés, afinal a quantidade de sujeira e de vestígios era igualmente proporcional à qualidade da diversão – que, claro que sim, era verificada e anotada ao final de cada turno de três horas. Lembrando que a vistoria poderia ser feita em intervalo de tempo menor, caso estivessem envolvidos lago, cachoeira ou riacho.

O cabelo preso bem firme (para que os finos e curtos fios não se perdessem dos demais) formava algo similar a um punhado de capins ajuntados, porém em menor porte. E isso garantia aparência um bocado simpática, devo dizer. Finalmente, dentes escovados e dadas umas goladas muito generosas no copo de leite (o que lhe rendeu espesso bigode esbranquiçado), aprumou-se e tomou a direção da porta, não sem antes passar a língua nos lábios: “Muito gostoso, pois bem.”

Assim, a mocinha logo se prestou a passar no estábulo para buscar Minhoca, sua basset hound branca, malhada de marrom (“ou o contrário”, de vez em quando se perguntava). “Minhoquerida, como agüenta carregar essas orelhas na cara em dia de sol tão grande?” E fazia um rabo de cavalo unindo as duas orelhas num laço de fita cetim azul celeste, ao que a cadela já estava tão acostumada que preferia deixar o enfeite cair com o vento a tentar correr da humilhação. “Venha, Minhoca!”. E saíram as duas, grama afora, correndo pelo jardim.

“Qual primeiro?” Ao que a cadela respondeu com uma lambida muito decidida na mão esquerda de Duda. “Vai pegar!”. E saiu a cachorrinha em disparo atrás da bolinha amarela, depois da vermelha, e então da amarela novamente – tudo entremeado por truques de rolar e por disputas de posse, mais algumas correrias.

A esse tempo, a fita de cetim já se havia desprendido há muito. “Oras, Minhoca! Que orelhas frouxas você tem! Já devo ter gastado um rolo de fita inteiro com você! Pouco me admira esses ninhos serem tão coloridos... E trate de não meter esse rabinho entre as patas! ... Já se esquentou?” Respondeu que sim, a cachorra, abanando o rabo o mais forte que pôde.

Seguiram as duas em direção ao pomar. ■



Sidney Spacini

Sumário

- 1 – Introdução
- 2 – Da Natureza de Minha Fuga da Mediocridade
 - 2.1 – Excentricidades e outras Patologias
 - 2.2 – Falsas Expectativas
 - 2.3 – Falando em Fósseis
- 3 – Da Família
 - 3.1 – Educação, Pedagogia, Lobotomia
 - 3.2 – Frustrações, Rebeldias, Mágoas
 - 3.3 – Sobre o futuro OU Como pretendo me livrar de tudo
- 4 – Dos Amigos
 - 4.1 – Corja de Malfeitores
 - 4.2 – Dos que já foram por doenças, oportunidades ou por mera escrotisse
 - 4.3 – Comensalismo e outras Simbioses
 - 4.4 – Histórias que não tem nada a ver com amizade
- 5 – Da noite
 - 5.1 – Toda bebida do mundo e outras drogas
 - 5.2 – Música repetitiva e outras drogas
 - 5.3 – Pegação e outras drogas
 - 5.4 – Perda Total
- 6 – Dos relacionamentos
 - 6.1 – Toque de Midas reverso e outras teorias para toda merda que fiz
 - 6.2 – Dos namoros, envolvimento e erros decorrentes
 - 6.3 – Sobre todo mundo que magoei (também)
 - 6.4 – Assuntos pendentes
 - 6.5 – Eu sou escroto mesmo
- 7 – Do Sexo
 - 7.1 – Posições ridículas, impossíveis e inventadas por polvos
 - 7.2 – Pornografia e outras experiências em atuação
 - 7.3 – Fetiches, Sonhos e Fantasias de natureza Bizarra
 - 7.4 – Como trepar com camisinha me lembra ir ao dentista
 - 7.5 – Abduções, Contas Bancárias e outros estupros
 - 7.6 – Suborno Sexual OU “Posso pagar com o corpo?”
 - 7.7 – Vacas magras e sexo solitário

8 – Da vida GEEK

8.1 – Séries, Filmes, Jogos, Desenhos e Oxigênio

8.2 – Siglas impronunciáveis de uso diário

8.3 – Pokémon e outras histórias verídicas

9 – Dos hobbies

9.1 – Fofocas, boatos, mentiras e intrigas

9.2 – Hábito de leituras sobre coisas sobre as quais só eu me interessso

9.3 – Francês, Inglês, Espanhola

10 – Da vida profissional

10.1 – Como eu pretendo dominar o mundo

10.2 – Química e outras escolhas infelizes

10.3 – A possibilidade da vida hippie

11 – Dos Dogmas e Religiões

11.1 – Por que eu desprezo quase 90% do mundo

11.2 – Valorização das coisas erradas

11.3 – O que penso de casamentos

11.4 – O evangelho segundo Lovecraft

12 – Do Nonsense

12.1 – História Geral Mundial Alternativa

12.2 – Identidade dupla das borboletas multicoloridas de Vênus

12.3 – Platão, Platossauros e Platelminotos (colaboração: Lucas Rocha)

13 – Conclusões modestas

14 – Referências Bibliográficas

15 – Anexos

15.1 – Lista de Jargões, Palavrões e Analogias

15.2 – Imagens que eu achei legal colocar no livro

15.3 – Mapas Cartográficos da Terra Média

15.4 – Telefones Úteis ■



Leandro Reis

No Desfalecer

Acordei naquele dia com a seringa ainda cravada no braço. Olhei ao redor da sala e reparei pela primeira vez o seu estado. A parede com infiltrações, rachaduras e manchas; o lustre sem lâmpada; a cortina, que um dia fora branca, rasgada ao meio; estantes vazias, que já abrigaram minhas centenas de livros, caindo aos pedaços. As únicas coisas que pareciam ter vida naquela sala eram colher, isqueiro e agulha.

Cambaleei até o banheiro. Olhei-me no espelho e me perguntei o que já sabia responder.

Um odor estranho me atraiu à cozinha, parecia cheiro de queimado. Era só o meu nariz. Peguei um copo sujo e bebi água.

Heroína. Antítese. Fui até ela para me preencher. Apanhei a colher, measurei cuidadosamente a quantidade e comecei a cozinhá-la com o isqueiro. Sentado no chão, amarrando um elástico no braço e tentando esquecer a dor dos abscessos, via um dos poucos exemplares do meu primeiro romance, esquecido ao lado do aparelho de som. Aquela capa azul e amarela me dava saudades da época em que só as palavras queimavam minha mão.

Não fazia idéia de que horas eram. Tinha apagado com o livro em mãos. A dose havia sido muito forte, embora tivesse certeza de que a havia

preparado com cuidado. Andei até meu quarto e esbarrei no telefone, inutilizado há meses. Minha mãe havia desistido de me ligar e de tentar uma reaproximação. Sua preocupação era toda centrada no meu futuro promissor.

Abri uma gaveta do armário e peguei uma garrafa de uísque e um maço de cigarros. Acendi um Camel e sentei na cama, olhando para baixo. Permaneci um tempo naquela posição, até perceber o cigarro caído no chão, ainda aceso. Acendi outro e levei a garrafa para a sala.

Antes de chegar ao sofá, abri uma das portas do armário do corredor e peguei uma caixa. Levei-a junto com a garrafa e abri as duas simultaneamente. Virei um gole e traguei o Camel. Fitei o conteúdo da caixa por alguns segundos e apanhei o que estava dentro. Retirei da embalagem e a segurei com força.

Encostei seu cano gelado na minha cabeça e larguei lágrimas. Peguei outro cigarro e comecei a fumá-lo rapidamente.

Eu sabia que não ia doer.

Alguém vai ter que limpar essa bagunça. ■



Daniel Vilela

From Yoknapatawpha With Love

“Dou-lhe este relógio não para que você se lembre do tempo, mas para que você possa esquecê-lo por um momento de vez em quando e não gaste todo o seu fôlego tentando conquistá-lo.”

William Faulkner, *O Som e a Fúria*

1. Nessa terra arrasada, em que alguns de nós teimamos em construir, arar e revirar as plantações e as memórias, fincar e arrancar galhos e pernas, montar as tábuas e os arreios para, de vez em quando, sair dali – numa carroça qualquer – atrás de algo que foge ou de qual fugimos, nesse condado de muitas consoantes e vozes, entre o Mississipi e o Alabama, que nem os mapas se dão o trabalho de por um lembrete, eu cresci e fui criada – assim como meus pais e, talvez, vá ser assim com meu filho. Creio que esteja aqui apenas por ele, não mais que isso – porque me consome e faz sentir que há uma vida em mim. A minha eu já não sinto, já não sei onde está – se levaram e esconderam numa dessas clareiras em que eu costumava brincar com meus irmãos. Pois entre eles, Benjamin. Dois anos talvez mais novo, desses que se enfiam na casa dos criados, esses crioulos que – com dó – meu pai deixou ficar e ir ficando, dentro ou fora dessa casa já vazia, e que se tornou talvez um deles, com o sangue misturado, mas de cabelo tão loiro, com cachos tão bem feitos, que não sei como alguém não ficaria encantado. E com a voz que não tremia, e com a certeza de agarrar as bordas do chapéu e fazê-lo rodar, coordenado com a lentidão das palavras que lhe escorriam pelos cantos da boca e que lhe caíam aos bolsos.

Vivia delas: trabalhava numa pequena tipografia instalada depois da madeireira. Abriam-se clareiras e caminhos – os deles, em princípio, em entender leves toques de metal e traduzi-los em porcentagens, valores e especulações. Saía e chegava tarde. Dormia pouco. Curava as enxaquecas com pequenas visitas à farmácia e garrafinhas de coca. Eu mesma nunca vi seus olhos fechados.

2. Porque dormia e se trancava no quarto por dias e dias, desde que o marido morreu. Pela viuvez, tinha tingido as roupas e a borda dos olhos de preto – numa grande panela que se encontra manchada até hoje no quintal. Guardava a pistola na penteadeira, na primeira gaveta junto com os grampos e os laços de fita. Olhava-a todos os dias em que, decidindo descer, prendia os longos cabelos grisalhos de forma tão desajeitada que parecia que as mechas prendiam os fiapos de metal desgrenhado. Além da beleza, tinha o filho desaparecido. Caiu no mundo, sem mais nem menos, levando apenas o sobrenome da família e um relógio antigo. E nem era de ouro: mas tinha levado porque era do avô e do pai do avô e que veio nuns pequenos detalhes em prata, tão ordinários, que não valem nem o tempo gasto com o furto. Estava na mesma gaveta da pistola e teve sorte em ter encontrado primeiro o relógio do que arma e, antes a idéia do pai, ter achado a da fuga. E assim se foi Lena por escada a baixo, como se pudesse, num passo largo, recuperar o tempo perdido – gasto nos lençóis embebidos na saliva que lhe escapava pelos roncos ou na literatura de moral duvidosa

– e reencontrar todos abaixo, na mesa, com toda a fome e toda a força de tempos atrás, quando a criada entrava em desespero com os pedidos e as reclamações e as amolações.

Por agora, se ouve apenas a ferrugem agarrar-se aos talheres.

3. Quando Dona Lena era um pouco mais jovem e ainda não conhecia seu pai, e eu era ainda uma menina dos óios esbugaiados e com os cabelos crespos tão mirrados que parecia uma coisinha qualquer, uma coisinha nenhuma, eu já sabia que ela estava destinada a ser nada mais do que essa figura fantasmagórica que anda por essa casa e se arrasta e arrasta os chinelos e me grita, com essa voz fraca e rouca, pedindo os remédios ou uma bolsa de água quente. Tudo, filha, é culpa dessa terra, essa terra amaldiçoada em que fomos despejados do nada, para nada além de um monte de ordens e grosserias que posso falar pra você, fia, mas não deixa a sua mãe saber, porque depois que ela voltou de você sabe onde, depois que ela falhou de ir, quero dizer, e que tentou e tentou e tentou igual ao seu avô, ela não continuou boa pessoa. Ocê sabe. Ocê sabe, meu anjo: bom era Benjamin.

4. Digamos que eu lhe dê três ou quatro dólares por esse relógio, já não seria muita coisa? Pois bem, lhe disse isso quando estivera aqui umas três horas antes com esses mesmos olhos, separados por um nariz igualmente afilado, mas com tanto outro olhar que me faz desconfiar da suposição que sejam sequer parentes. Irmãos. Creio eu que primos no máximo. Então, tentava me vender o relógio por um preço muito superior ao que valia e contava-me, com a astúcia que apenas os bons contadores de história têm, especialmente os de sua família, Sr. Burden. Devo e posso chamá-lo de Lucas? Assim, talvez, seja melhor – sem formalismos – que eu lhe diga que ele chegou do nada, tão coberto de poeira e pó de Lafayette, que eu mesmo não reconheci de imediato. Foi logo depois, pela voz e pelos broches que vi quem era e o que queria. Só não sei, ainda, para quê; mesmo assim, entretanto, propus o seguinte: me daria um dos bilhetes que tinha avulsos e à mostra no bolso direito da casaca e eu lhe concederia os quatro dólares. Aceitou no ato, apertou minha mão, pegou as moedas e saiu em passos pequenos pela porta.

Pelo bilhete são dez dólares.

5. Dizem que essa família dos Burden é tão amaldiçoada que não lhe querem nem os fantasmas. Aliás, há um fantasma naquela casa, mas está vivo. Pelo menos ainda tem carne, mesmo que não a arraste para fora das portas ou para a proximidade das janelas. Lena Burden foi talvez uma das mulheres mais bonitas desses campos. Casou cedo e queria duas coisas: se livrar das dívidas que o pai lhe deixara sob o designo de herança e riscar da grafia pessoal o sobrenome dos Mooney. Achou em Nathaniel Burden, filho do dono dessa serralheria, a junção dos dois objetivos e, por fim, acabou se deparando com o mesmo ideal. Quando as notas e as intimações ultrapassaram as bordas das gavetas, Nathaniel só teve tempo de contrair mais uma, de ir no armazém, pedir mais um pouco de pólvora e munição, num acordo qualquer e subir os degraus do sótão e dar um tiro e deixar a cabeça se esvaziar e respirar um pouco. Tiveram tempo, antes disso, de conceber três filhos: Lucas, o mais velho e tão mais ajuizado que teimamos em não lhe dar o crédito de Burden; Joanna, da qual tiveram pelo menos a sorte de interná-la num sanatório antes que tivesse o mesmo fim do pai; e Benjamin.

Desse, só posso lhe dizer uma coisa: mantenha distância.

6. Candace se levantou tarde por esses dias, disse que ia visitar a mãe. Sabia que Joanna estava internada e que, por minha culpa, acho que mais minha do que dela, porque foi minha a insistência. Ela deveria saber e eu dizia – todos os dias em que pude ver Joanna sentada à mesa da cozinha reclamando da sorte e maldizendo as criadas – que Candace deveria saber da verdade e deveria saber por que todos a evitavam e também nos evitavam; por que fechavam a cara e faziam correr todos os boatos que envolvessem qualquer família ou sobrenome que se assemelhasse com o nosso. Devo,

também, pedir desculpa aos Burch por conta disso, mas essa culpa não é minha, é apenas decoro; mas dizia eu que Joanna precisava revelar tudo a Candance e que esse tudo não era apenas sobre o pai que ela não poderia conhecer, das viagens e da morte precoce, de todas as mil desculpas que minha mãe repetiu tantas vezes até virar verdade.

Por isso que preciso chegar tão logo a Joanna. Soube, por acaso, quando já não deveria prestar mais atenção as batidas do telégrafo, mas que – por mero acaso – meus ouvidos ainda não tinham se desgrudado, que tivera uma piora logo depois que Candace saiu de lá. E que tinham um telegrama tão urgente para ser entregue que mandaram não pela fiação, mas pela mão de um dos próprios diretores. Não importa: preciso apenas chegar.

Pode me levar, pelo menos, até a próxima encruzilhada?

7. Cruzei com tio Lucas ainda na cidade, você sabe por anda o Benjamin? Disseram-me que tio Lucas estava na cola e nos calcanhais dele e que tinha fugido com uma qualquer para o circo e que de lá partiria de vez do Mississipi e que nunca mais voltaria e que isso seria mais uma vergonha para os Burden. Será? Já quase nenhuma menina conversa comigo no colégio. Exceto aquelas que também possuem fantasmas. Daqueles que se arrastam pelos corredores e que ocupam lugares a mesa e que recitam, de cor, tantos bons costumes e tantas boas maneiras dos quais talvez nem eles mesmos ainda saibam direito o que são.

8. Saiba que toda essa proximidade, escondida pela fina serragem que se espalha pelos pastos, portões e arames farpados, sempre causa embaraços. Pois: um doutor sai de seu serviço, percorre alguns quilômetros num carro teimoso ao sol e tão velho que já não podemos dizer se tem três ou quatro rodas, já é o prólogo de certa ironia, uma dessas causadas pelas proximidades das letras e dos nomes, mas nunca das pessoas, que faz esse telegrama chegar à minha mão e não na dos Burden. Certo, creio que seja alguma pressa fez esse desarranjo, mas que fez em correr por baixo da minha porta tão valoroso e estimado documento – de um delírio que todos nós já desconfiávamos, mas que ainda não tínhamos a certeza e que é bem certa a palavra tínhamos e que agora, em outro momento, já temos.

Por hora é tempo de colocar esse verbete em circulação o mais rápido possível. Afixar em cada parede da cidade, em cada porta: fazer correr a certeza e também, daqui, essa família. Não se pode ter mais sossego quando, de noite ao sono, todos os sussurros ultrapassam as letras do alfabeto e chegam até minha vidraça e fazem-na reverberar.

9. Por essa noite e apenas por essa noite, talvez a mais fria do ano, essa casa finalmente poderá dormir em paz. Tem menos um fantasma. Não é, talvez, estranho que se tenha menos um fantasma por intermédio de uma morte – afinal, que seja ela que os construa e que os mantenha e que os separe de nós. Sempre acreditei que fantasmas fossem apenas vozes etéreas, perdidas por entre o espaço e a memória, num tempo que jamais poderemos reaver, mas que cai na impossibilidade do esquecimento.

Talvez seja isso que tenha feito aquele idiota do Benjamim largar tudo e sair, a pé, por essa estrada e esse barro – dessa casa para aquele sanatório. Recebi a notícia quando, com a cabeça em chamas, entrei na tipografia e gritei com todos e para todos que me dissessem algo, que me revelassem onde estava Benjamim e que me dessem licença e que me deixassem revirar sua mesa e olhar seus documentos, suas transcrições e papéis avulsos. Não precisei de muito: “JOANNA BURDEN HAS DIED STOP SHE HAS LEFT A LETTER STOP A PHYSICIAN IS ON WAY STOP”.

10. Não sei bem se quebrou, mas é o que parece: faz algum tempo que só se movimenta

o ponteiro das horas. Insistiu para que eu ficasse com ele. Não vale nada, mas mesmo assim insistiu como pagamento por alguns quilômetros de desvio, na verdade, que já estavam meio planejados. Insistiu tanto que nem se eu fosse, por outro lado, igualmente birrento teria ficado sem o relógio. Contudo, é bonito. Não funciona, mas cabe – perfeitamente – no meu pulso e é um belo presente. Talvez consiga penhorá-lo ou apostá-lo. Talvez possa guardá-lo e devolver, em outra oportunidade, para aquele rapaz. Parecia transtornado como se essa peça fosse amaldiçoada ou coisa parecida; pensando bem, acho que é melhor que eu me livre de uma vez por todas dele. Já não andam todos os ponteiros e realmente deve ser amaldiçoado. Era pálido como um fantasma. Contudo, os cabelos loiros me lembravam um anjo. Não, mas é melhor de qualquer forma me livrar dele, de qualquer forma mesmo, jogando no próximo rio ou encruzilhada. Não devo levar algo assim para casa.

Então, senhor, eu descii e peguei a pá na carroceria e revolvi a terra três vezes.

11. Chegou aqui de supetão e correu ao quarto; vazio, não quer deixá-lo por nada. O que fazer? Ainda não sei, é preciso permissão da família – mais que isso é preciso um diagnóstico, mas é possível que lhe seja dado alguns calmantes. E só. Talvez seja um início, algo assim – um princípio e nada mais, nada mais que um sintoma. Vá lá, me escute, vá lá. É um risco e apenas um risco: a necessidade não existe para além da sua cabeça. É teimosia, nem tudo é loucura, nem tudo é desvio; talvez o padrão seja um pouco aquém do que realmente podemos e queremos ser. Para além desse jaleco branco, não há nada que – acima desses livros grossos que você teima em carregar e abri-los para longuíssimos discursos – te diga algo contrário. Toda palavra escrita é equivocada desde o início pela sua incapacidade de ser modificada, alterada, corrigida.

Já faz horas que está lá dentro. Ele chegou?

E me pede a chave? Certo, se essa é a vontade e, como diz, a vontade está por escrito nesse termo e nesses seus livros, não posso fazer mais nada do que baixar a cabeça e começar a preencher todos esses formulários. Pelo menos pagaram adiantado pelo enterro e, pelo visto, já deixaram dinheiro para o próximo; esperam que não dure nem dois meses. Na sua mão, nem duvido disso e de mais nada. Vai lá, vá. Antes que eu me arrependa. ■



Isabella Mariano

Amie

Nossos olhos fitavam a arma de um crime inafiançável. As lágrimas caíam de seus olhos num curso muito natural e não pretendiam parar. Eu cuspi e tinha o gosto do seu suor. Seu pranto era constante e dizia, inconsolável: “Eu não faço esse tipo de coisa”. Restava-me apenas concordar e repetir, repetir até ficar diferente. A minha inconsciência pesava sobre a minha consciência dizendo “Evoé Baco! Evoé Vênus!”, mas eu sabia que era o momento errado para alguém novo.

Seu rosto parecia transfigurar-se, enlouquecendo. Uma música insistia em tocar sem parar e cantava “Is that alright?”. Pronunciei-me, mas foi um equívoco. Se estivesse carregada, ela teria me matado. “Amor um mal”. Provavelmente, queria me calar durante o tempo que durasse a canção.

Lancei-lhe um olhar frio, gelado. Mas ela me atirou ao chão com levantar de suas pálpebras. Estava nua, sentada na beira da cama. No vão da porta, eu me apoiei, tragando mil sensações e, às vezes, um cigarro no canto da boca.

Ela se vestiu e finalmente.

Nunca tinha percebido quão cinza era o meu quarto, a minha vida. O chão me puxava. Sentei, deitei, chorei. Queria sentir seus passos, quando fosse voltar. Dormi por uns segundos e sonhei que fazíamos sexo, ao som da tempestade, num dia gelado. Você dizia que já estivera aqui tantas vezes e tirava o cinza das paredes com suas marcas de batom. Acordo, solitário. Lá estava eu a desfiar a recordação do sineiro, da viúva e do microscopista.

Abri uma garrafa de vinho e deixei a canção me invadir.

Amanheceu e o silêncio era como uma xícara vazia. Escrevi duzentas cartas. Em algumas eu me desculpei, em outras a xinguei. Mas em todas pedi que voltasse. Ora dizia ser um mentiroso que merecia morrer, ora declarava-lhe um amor incondicional. Ouso dizer que não menti. Nas cartas. Precisava que ela soubesse e se lembrasse de quem eu era. Um romântico assumido, louco e desesperado. Não tinha outra saída, mas enviei apenas uma.

“Eu amo sua depressão e amo sua dupla personalidade. Eu amo quase tudo o que você tem a oferecer”.

Num dezembro cinza e cansado, as pessoas me desejavam feliz natal. Completamente inapropriado. Sentia falta dela, das mãos que sabiam exatamente onde tocar numa manhã de natal. Pude sentir seu cheiro, doce perfume. Era um telegrama.

“Querido,

Eu me lembro bem da primeira vez que vi seus olhos melancólicos. Lembro bem, porque a minha mente parou de funcionar quando te vi. Queria que estivesse aqui, porque conheci coisas maravilhosas. Estou distante, muito distante. Só quero te pedir que seja feliz. Eu sinto sua tristeza me chamando. Mas eu não posso voltar.

Estou casada. Feliz natal.

Amie”

Chorei, bebi e fumei. Meu carro estava me esperando. Dirigi a noite toda. “Que merda essa mulher quer de mim?”. Foda-se.

Abria e fechava o meu isqueiro na lentidão de quem estava embriagado e a observava do outro lado da rua. Entre uma e outra tragada do meu cigarro, eles se tocavam. A minha xícara estava vazia. Mas ela estava feliz, sorria mesmo enquanto falava.

Fui o seu maior erro.

Um garoto lhe entregou um guardanapo em que estava escrito “Um brinde, querida”. Ela limpou os rubros lábios e mandou de volta.

Eu posso esperar. ■

CURADORIA DE ERLY VIEIRA JR
ILUSTRAÇÕES DE FERNANDA BARATA

Dossier *Especial*

PARÓDIA

*GRAMMATICA PORTUGUEZA
PELO METHODO CONFUSO*

(MENDES FRADIQUE, 1928)

*(OBS.: FOI MANTIDA A GRAFIA ORIGINAL DOS TEXTOS,
SEGUINDO A EDIÇÃO DE 1928).*

CAPITULO I

GRAMMATICA

Grammatica é a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua. Segundo affirmam os grammaticos, a grammatica é o conjunto de regras tiradas do modo pelo qual um povo falla usualmente uma lingua. Ora, o povo falla sempre muito mal, e escreve ainda peiormente; logo, não é de estranhar que seja a grammatica a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua.



CAPITULO II

É A GRAMMATICA UMA ARTE OU UMA SCIENCIA?

Para que se chegue a uma conclusão segura a esse respeito faz-se mister precisar bem o que vem a ser arte e o que vem a ser sciencia.

Arte é tudo quanto consegue emocionar; ora, grammatica paulifica, enfastia, caceteia, encrespa o discurso, enteiriça a phrase, mechanisa a expressão, mumifica a Idea, e faz ainda mil e uma coisas mais, qual dellas entretanto menos capaz de emocionar. Logo grammatica não é arte. Em resumo: arte é o talento de quem tem talento; grammatica é o talento de quem não tem talento.

Será então a gramática uma sciencia?

Não parece.

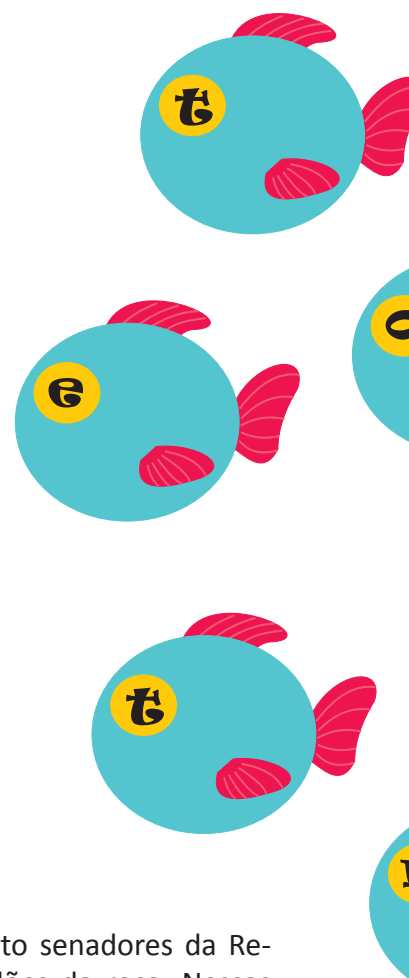
A **sciencia** é o trabalho da intelligencia tendente ao conhecimento e simplificação dos phenomenos; ora, grammatica principia por não ser um trabalho da intelligencia, porque quem é intelligente não perde tempo com carrancismos grammaticaes. Além disso a grammatica, longe de tender à simplificação dos phenomenos, complica tudo: a lingua, a a lingua-gem e todas as formas de enunciar-se uma Idea.

A sciencia se caracteriza pela sua absoluta inocuidade. A sciencia descobre a vaccina do crupp e inventa ao mesmo tempo a metralhadora; a sciencia constróe uma ponte pensil, e ao mesmo tempo aconselha a euthanasia; logo, salva daqui e mata dacolá, Ella não augmenta nem diminue o coefficiente de segurança do genero humano, e assim não modifica nem altera as condições deste mundo sub-lunar. Já o mesmo não acontece com relação à grammatica. Esta provoca insomnia às creanças, derrama a neurasthenia na alma dos adolescentes, e vicia o temperamento dos velhos e complica a simplicidade de toda a gente. Logo, grammatica não é positivamente uma sciencia. Mas si não é arte nem sciencia, que vem a ser então grammatica? A grammatica... a grammatica... a grammatica é assim uma especie de Republica no Brasil, que está ahi, sem que ninguem saiba de facto o que Ella é, nem mesmo porque veio parar nesta terra.

CAPÍTULO III

LINGUA

Lingua é um músculo chato, muito movel, com uma ponta presa e outra solta. E ahi é que está precisamente o grande mal da humanidade; se a lingua tivesse as duas pontas presas, quantos males não se evitariam, no genero humano?



Semi-mortas são as linguas de certo senadores da Republica, ordinariamente os coronelões da roça. Nessas condições todas as linguas vivas se tornam semi-mortas: movem-se dentro da bocca de seus donos, lambem os beijos, estalam no céu da bocca o sabor do Porto Velho, humedecem sellos adhesivos, cobrem-se de saburro quando o estomago assim o quer, dão saliva à ponta dos dedos para folhear livros novos, projectam-se em carêtas insultuosas, molham a palha do caporal, pendem babosas quando ha um grande espanto, em summa, fazem varias coisas, mas não dão um pio quando o senador-coronel se planta à sua cadeira, no Senado.

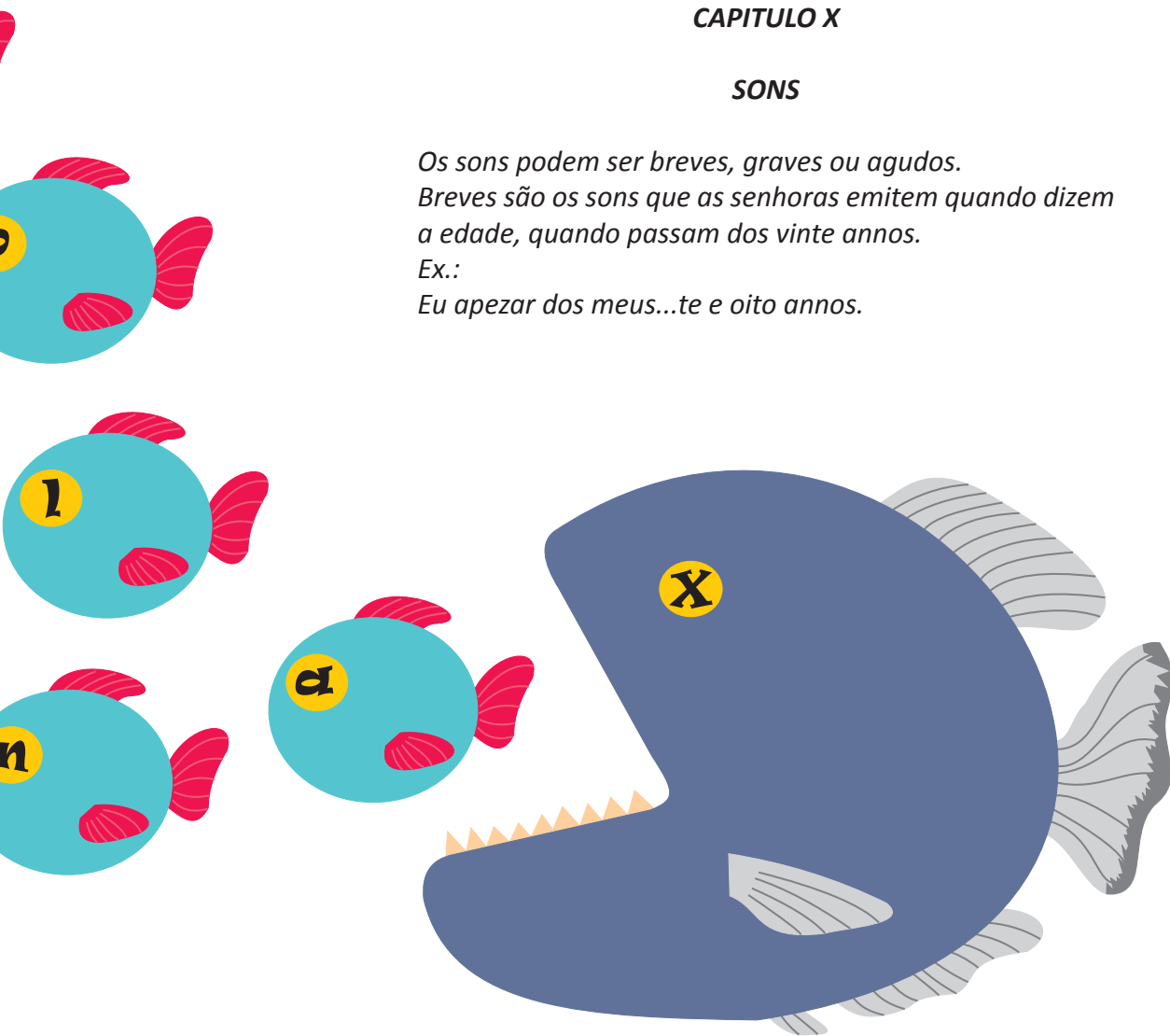
CAPITULO X

SONS

*Os sons podem ser breves, graves ou agudos.
Breves são os sons que as senhoras emitem quando dizem
a idade, quando passam dos vinte anos.*

Ex.:

Eu apesar dos meus...te e oito annos.



CAPITULO XII

DO ALFABETO

F

A letra **F** é, fonologicamente, um **P** furado, um **P** com escapamento.

Ex.:

Pneu

Si se lhe dér um furo, faz

FFFFFFFFF

Talvez em virtude dessa condição fonológica seja sempre o **F** a letra quasi onomatopaica do insucesso, da rateação, do malôgro.

Ex.:

Fiasco

Fifa

Falha

Feio

Fuga

Falir

etc. etc.

Z

Z é um **N** deitado; provavelmente está repousando; deixemol-o repousar.

CAPITULO XIV

DO SUBSTANTIVO

O **substantivo** póde ser **real** ou **abstracto**.

É **real** quando se relaciona com o rei ou quando serve de padrão monetario.

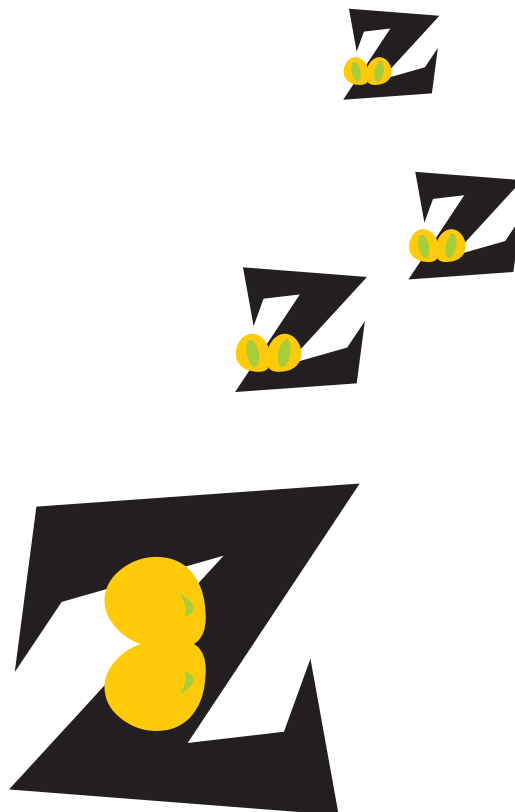
Ex.:

Real Gabiente Portuguez de Leitura

É **abstracto** quando não passa de conversa fiada.

Ex.:

Cambio estável, plataforma governamental, opinião publica, soberania popular, Democracia, sorte grande, camarão de empada, Thesouro Nacional, etc.



CAPITULO XVIII

DOS VERBOS

Os verbos activos dividem-se em **transitivos e intransitivos**.

Transitivos são aquelles cuja acção passa do agente e recae sobre o freguez.

Ex.: multar

quando a multa é cobrada em juizo pela Prefeitura.

O verbo é **intransitivo** quando a acção não passa do agente e nem chega ao conhecimento da Prefeitura.

Ex.: gorgeta, lambugem, bola

e mais algumas comidas.

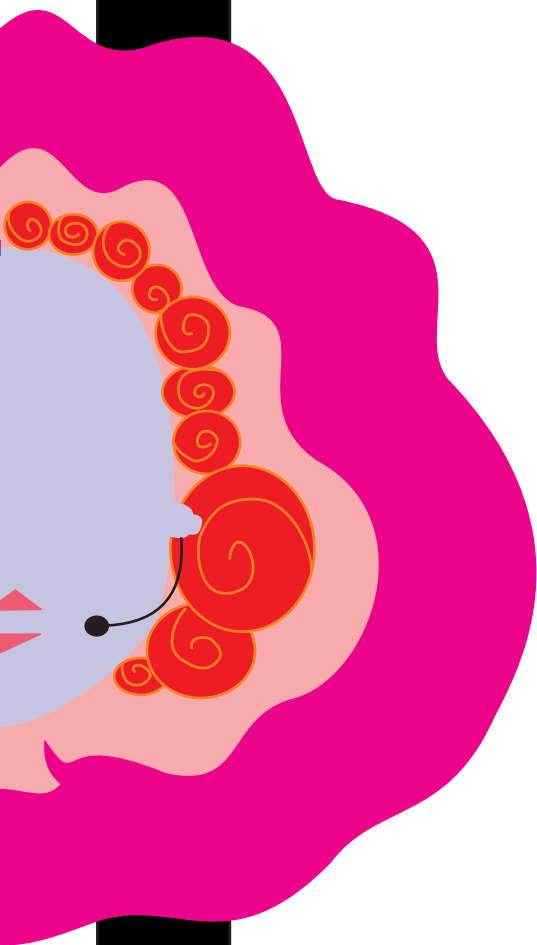


VAMOS ESTAR

CAPITULO XXXIII

VICIOS DE LINGUAGEM

Há ainda um vicio de linguagem a que se não referem os autores e que é, entretanto, assás condemnavel: a **maledicência** – recurso habitual dos criticos literarios, quando são estes criaturas estereis, capazes de julgar a obra alheia sem todavia ter jámais produzido cousa alguma.



MECHANISANDO

biblioteca + do que básica

biblioteca básica

Mendes Fradique e seu “método confuso”

por Erly Vieira Jr

Quem passa pela rua Madeira de Freitas, na Praia do Canto, mal imagina qual seja a biografia por trás do nome do logradouro. Trata-se do autor de um dos maiores sucessos editoriais brasileiros da década de 20, a História do Brasil pelo método confuso, publicada sob o pseudônimo de Mendes Fradique. Sob essa alcunha, inspirada no cosmopolitano personagem de Eça de Queiroz (Fradique Mendes), o conservador e integralista médico capixaba (então residente no Rio de Janeiro) Madeira de Freitas costumava publicar caricaturas e textos satíricos, carregando as tintas na crítica bem-humorada às personalidades públicas de sua época. Mendes Fradique, espécie de contraparte boêmia do sisudo médico (tal qual Jekyll e Hyde), obteve com seus livros um estrondoso sucesso de crítica e público: sua História do Brasil, por exemplo, teve sete edições apenas na década de 20 e seus livros ganhavam freqüentes resenhas nos mais importantes jornais e revistas da época.

Fradique baseava-se no Método Confuso para elaborar seus livros de caráter supostamente “didático” (ele também publicou uma Gramática portuguesa e uma suposta antologia literária escolar, a Feira livre): esse “método” consistia na mistura de épocas, fatos e personagens históricas com notícias e personalidades ilustres de seu tempo, como Rui Barbosa, Bastos Tigre e Lopes Trovão. Se hoje diversos dos nomes citados caíram numa relativa obscuridade (de modo que a edição atual da História do Brasil, lançada pela Companhia das Letras em 2004, venha acompanhada de um apêndice contendo notas biográficas acerca dessas personalidades), o tom de sátira e a língua afiada de Fradique ainda são capazes de nos arrancar boas gargalhadas: seja ao dizer que a guerra do Paraguai serviu pra nos fornecer uma “coleção variadíssima de nomes para ruas, praças, becos ou vielas” (p. 156), ou ainda partir da história de Caim e Abel para traçar as origens do abolicionismo, ou dar-nos a informação de que o Monte Pascoal recebera esse nome em homenagem a Paschoal Segreto (principal empresário de entretenimento do país no começo do século XX, autor das primeiras imagens cinematográficas feitas no Brasil),

ou ainda o impagável telegrama (!) enviado pro Pedro Álvares Cabral a Dom Manuel por ocasião do descobrimento do Brasil (p. 89):

“Manduca,
Saúde e patacas.
Acabo tomar para ti posse todo Brasil exceto Acre. PRC solidário.
Oportunamente remeterei conta despesas.
Respeitos patroa, beijinho pequenos.
Abraço do cada vez mais sempre o mesmo,
Pedro.”

Isabel Lustosa, autora do abrangente estudo introdutório que acompanha a reedição do livro, afirma que o método confuso de Fradique era baseado num rigor metodológico absoluto: tudo no livro estaria sob os efeitos desse método, desde a capa, prefácios, informações sobre as obras do autor, notas de pé de página, índices, chegando até a própria estrutura narrativa. Tudo é objeto de confusão-humor, inclusive um prefácio supostamente escrito por Rui Barbosa (e desmentido páginas adiante), que simula quase à perfeição a linguagem do orador, de modo que o leitor, no início do texto, seja capaz de jurar que está lendo um prefácio legítimo. Mendes Fradique, contudo, não era um modernista, chegando a se opor ao movimento, muito embora seu espírito satírico aproxime suas obras de trabalhos como a Poesia Pau-brasil, de Oswald, ou a História do Brasil, de Murilo Mendes. Isabel Lustosa chega a levantar um curioso paralelo entre o Brasil retratado no livro e a mais célebre cria de Mário de Andrade: “O alheamento, a apatia, um verto conformismo cínico marcam o personagem Brasil de Mendes Fradique e o Macunaíma de Mário de Andrade”. É bastante curioso pensar em como o leitor de hoje sente bem próximos os estilos humorísticos das duas obras.

Em 1984, a FCAA-Ufes, em parceria com a editora Rocco, publicaram, dentro da clássica coleção Letras Capixabas, uma edição fac-similar da Grammatica portugueza pelo methodo confuso, lançada originalmente em 1928. Confesso que é um dos meus livros de cabeceira. A obra já começa com uma antológica definição de gramática (foi mantida a grafia original):

“Grammatica é a arte de fallar e escrever incorrectamente uma lingua. Segundo affirmam os grammaticos, a grammatica é o conjunto de regras tiradas do modo pelo qual um povo falla usualmente uma lingua. Ora, o povo falla sempre muito mal, e escreve ainda peiormente; logo, não é de estranhar que seja a grammatica a arte de fallar e escrever incorrectmente uma lingua”.

Dá pra imaginar o que vem a seguir, né? Em tempos de horrendas grafias adotadas por adolescentes e não tão adolescentes assim, em e-mails, msn e orkuts da vida, bem que esse livro merecia uma reedição urgente. Pelo menos daria pra gente encarar um e-mail (em geral spam) mal-escrito com um pouco mais de graça e humor...

Extraído do livro Rodapés, publicado em 2009, que reúne crônicas e resenhas literárias postadas originalmente na coluna literária que mantive entre 2005 e 2007 no Século Diário.

aviso aos novos talentos

AVISO AOS NOVOS

TALENTOS E

ESCRITORES INÉDITOS

EM GERAL

Você escreve, mas guarda seus textos na gaveta?

Conhece algum novo talento literário que precisa urgentemente sair do ineditismo?

Então venha colaborar com a Graciano!

Estamos recebendo textos inéditos para publicação em uma nova seção da nossa revista. Trata-se da **Casa Tomada**, um espaço para revelar novos autores e apresentar uma nova geração literária que aflora por todo o Espírito Santo.

Para participar, basta enviar seu(s) texto(s) para o e-mail contato.graciano@gmail.com, juntamente com uma breve biografia (até cinco linhas). Se o seu texto for selecionado, será publicado a partir de nossa edição de número 3 (em agosto).

Participe! A casa também pode ser sua.

Dúvidas?

Sugestões?

CRÍTICAS?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano - Literatura Brasileira feita no Espírito Santo? Colabore enviando seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

[*contato.graciano@gmail.com*](mailto:contato.graciano@gmail.com)

Ou acesse nosso blog:

[*revistagraciano.wordpress.com*](http://revistagraciano.wordpress.com)

Os Cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!

Colaboraram nesta edição

ANY COMETTI
anycometti@hotmail.com

BRUNELLA BRUNELLO
brunellabrunello@gmail.com

DANIEL VILELA
damn.fernandes@gmail.com

ERLY VIEIRA JR.
erlyvieirajr@hotmail.com

FERNANDA BARATA
fernanda-barata@hotmail.com

ISABELLA MARIANO
isabellablog@hotmail.com

KAUÊ SCARIM
kauescarim@gmail.com

LEANDRO REIS
leandro.souza.reis@gmail.com

LÍVIA CORBELLATI
livia_cor@hotmail.com

MAINÁ LOUREIRO
mainalf@hotmail.com

SIDNEY SPACINI
spacini_sido@gmail.com



Os **lábios** entre as pernas, os arcos **Ogiva**is As nos
as digitais nas suas costas **largas** Os lóbulos, a
álpebras. Todas as *reentrâncias*, todas as saliências
ias Os licores interiores embriagando noite afora
orpo adentro **Alma inteira**. A sua **existência**
a minha existência Os braços, joelhos, dedos do
és Um **beijo**, um sussurro, um **devaneio** Dentro d
mim Dentro de mim *Dentro de mim Profundamente en*
mim. A **luz**, o som, o ar A luz, o céu, o **GOZO**

2. *Sol na Garganta do* **Futuro**

